

AJM.063

Entrevista >> POR DENISE ZANDONADI dzandonadi@redegazeta.com.br

Isabella Batalha >> DOUTORA EM ARQUITETURA E URBANISMO

O outro lado do avanço econômico

Especialista em Urbanismo alerta que, sem planejamento, nova siderúrgica poderá criar problemas sociais no Litoral Sul

A transformação de uma região turística e próxima à área metropolitana da Capital - Guarapari, Ubu e Anchieta - em mais um polo industrial e de serviços pode mudar a vocação das cidades vizinhas e o destino dos municípios: trabalhadores de outras regiões virão em busca de emprego e oportunidade. A opinião é da arquiteta e especialista em Urbanismo Isabella Batalha Muniz Barbosa, que escolheu a criação do Polo Industrial e de

áreas que deveriam ser protegidas ambientalmente. Esse mesmo plano incentiva a questão industrial e, quando o governo desapropria uma área enorme para esse polo, o faz exatamente ao lado de uma área de proteção ambiental. Me parece que o atual governo prima muito pela questão econômica, sem dar relevância a questões sociais. Se você faz um planejamento de longo prazo, como o Projeto 2025, elaborado pelo Estado, tem que

Já está acontecendo esse problema de invasão, principalmente nos municípios vizinhos, como Piúma e Guarapari, e isso já é colocado pelas próprias autoridades municipais. Quando foi feita a ampliação da Samarco, há mais de dois anos, o pessoal já foi se assentando de forma irregular. Está prevista no Plano 2025 essa questão fundiária, mas a gente vê nas audiências públicas que quem coloca as informações sobre esses assuntos são as próprias empresas privadas. No caso da CSU, a Vale informa, por exemplo, que dará conta de contratar e alojar 6 mil trabalhadores para a construção, mas para instalar uma siderúrgica são necessários 18 mil trabalhadores, então, 12 mil pessoas teriam que ser absorvidas por Anchieta e pelas cidades vizinhas.



“O patrimônio histórico de Anchieta também precisa ser preservado, assim como o turismo deve ser visto como uma riqueza da região”

O outro lado do avanço econômico

Especialista em Urbanismo alerta que, sem planejamento, nova siderúrgica poderá criar problemas sociais no Litoral Sul

A transformação de uma região turística e próxima à área metropolitana da Capital - Guarapari, Ubu e Anchieta - em mais um polo industrial e de serviços pode mudar a vocação das cidades vizinhas e o destino dos municípios: trabalhadores de outras regiões virão em busca de emprego e oportunidade. A opinião é da arquiteta e especialista em Urbanismo Isabella Batalha Muniz Barbosa, que escolheu a criação do Polo Industrial e de Serviços de Anchieta como objetivo de sua tese de doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP). Ela fala, nesta entrevista, do que poderá ocorrer caso não sejam tomadas medidas criteriosas antes da implantação desses projetos.

áreas que deveriam ser protegidas ambientalmente. Esse mesmo plano incentiva a questão industrial e, quando o governo desapropria uma área enorme para esse polo, o faz exatamente ao lado de uma área de proteção ambiental. Me parece que o atual governo prima muito pela questão econômica, sem dar relevância a questões sociais. Se você faz um planejamento de longo prazo, como o Projeto 2025, elaborado pelo Estado, tem que pensar em outras questões.

■ A implantação de grandes projetos como o da Companhia Siderúrgica Ubu (CSU) poderá provocar uma corrida de pessoas em busca de emprego e oportunidades para a região?

“As grandes empresas é que escolhem os melhores territórios, e os governos apenas referendam as escolhas delas”

Já está acontecendo esse problema de invasão, principalmente nos municípios vizinhos, como Piúma e Guarapari, e isso já é colocado pelas próprias autoridades municipais. Quando foi feita a ampliação da Samarco, há mais de dois anos, o pessoal já foi se assentando de forma irregular. Está prevista no Plano 2025 essa questão fundiária, mas a gente vê nas audiências públicas que quem coloca as informações sobre esses assuntos são as próprias empresas privadas. No caso da CSU, a Vale informa, por exemplo, que dará conta de contratar e alojar 6 mil trabalhadores para a construção, mas para instalar uma siderúrgica são necessários 18 mil trabalhadores, então, 12 mil pessoas teriam que ser absorvidas por Anchieta e pelas cidades vizinhas.

■ Mas a senhora não vê esse projeto como uma possibilidade de interiorização do desenvolvimento?

O Programa 2025 fez vários planos e diretrizes visando à descentralização da Grande Vitória. Mas, ao criar polos industriais contíguos à Região Metropolitana, ele não interioriza esse desenvolvimento, pois acaba a riqueza ficando concentrada aqui, onde está a malha portuária, onde está a logística toda. Acredito que nem até 2025 a descentralização desejada será alcançada.

■ Mesmo com estes projetos de portos e siderúrgicas para Presidente Kennedy para os próximos anos?

Me parece que, primeiro, vem o

processo de degradação, junto com o desenvolvimento de indústria e exploração de petróleo, vide o que ocorreu no Litoral Norte do Rio de Janeiro. Lá ocorreu algo que pode também acontecer aqui: primeiro, ocupação do território, seguida de favelização e ocupação dos espaços. Depois, uma cidade vai se ligando à outra. Isso poderá acontecer aqui nos próximos anos. Quer dizer, a favelização aumenta e, depois de 20 anos, começam as melhorias e só depois se começa o processo de regularização territorial.

■ Por que criar o polo de Anchieta no local onde estão instaladas duas comunidades, Chapada do Á e Monteiro?

Volto a dizer: porque sempre se prioriza a questão econômica e, no caso da Vale, que quer implantar o projeto da CSU, ela leva em conta a logística, pois ela é dona de metade da Samarco, que produz o minério - matéria-prima para a produção do aço - e já tem toda a estrutura para o porto. O Estado acaba não direcionando os projetos, acaba aceitando essas regras. A empresa realmente comanda, nesses casos. Na época da possível vinda da empresa chinesa Baosteel, o governo disse que a questão ambiental era o impedimento para a instalação do projeto e até A GAZETA chegou a fazer matérias sobre o assunto. O governo disse não por conta da avaliação ambiental. A Cesan

também colocou a questão da água do rio Benevente, que não tinha água suficiente. Agora, a mesma Vale, com outro nome, mas um mesmo projeto, vem e praticamente vai se implantar.

■ O que é que a senhora conclui em relação ao polo de Ubu?

Como ele foi pensado, é antagônico em relação à estrutura que existe e vai trazer mazelas sociais para a região. Como ficará a paisagem? Não dá para querer que tudo fique como sempre. Mas não se pode querer adensar tantos investimentos em uma só área. Existe uma avidez muito grande para se construir e depois não se sabe como gerenciar espaços urbanos, mobilidade e transporte.

“O patrimônio histórico de Anchieta também precisa ser preservado, assim como o turismo deve ser visto como uma riqueza da região”

